

A Vida e as Existências

Dalmo Duque dos Santos

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração, apagados. Mas por isso a obra não ficará perdida, pois reaparecerá, como ele acreditava, em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor”.

Epitáfio gravado no túmulo, escrito pelo próprio Franklin.

A Humanidade vem se transformando desde os primórdios da pré-História, quando fomos adquirindo, gradualmente, os caracteres que nos diferencia das raças primatas que deram origem à espécie humana em nosso planeta. E continua em franca transformação. Estamos vivendo uma época de crises e mudanças rápidas em todos os setores sociais. Nunca a História registrou tantas descobertas tecnológicas, tantas modificações de crenças e hábitos, tudo acontecendo em períodos de tempo tão curtos, como as que vem ocorrendo nas últimas décadas. O Século XX passou rapidamente sob os nossos olhares e tal foi a velocidade das mudanças que nele ocorreram que ainda não demos conta de que a maioria nós nasceu e viveu no intervalo de tempo secular mais curto já ocorrido na cultura ocidental. E não foi apenas uma simples impressão de quem viveu num momento de transição, como nos séculos anteriores. Na verdade, todos sentimos que o tempo veio se acelerando numa velocidade espiral, provocando o desencadeamento de uma sucessão de rápidos acontecimentos. A sensação geral é a de que nossos corpos foram envelhecendo, enquanto a consciência permanecia estática e pasma, observando como as coisas surgiam e desapareciam.

Este é o choque existencial de todos aqueles que cultuam a idéia da Imortalidade e sofrem as imposições do tempo biológico, que se esvai indiferente pelas veredas dos dias e das horas aparentemente perdidas. Mas o que realmente vem mudando, a Vida ou as nossas existências? Ao que tudo indica, o ser humano ainda não adquiriu maturidade suficiente para compreender a Vida e por isso treina essa compreensão através das múltiplas existências. Quando observamos a Vida o fazemos sempre de maneira deformada, fragmentada pelas limitações dos nossos cinco sentidos. A Vida e a Verdade são coisas idênticas, mas ainda não conseguimos superar a observação dos aspectos parciais dos nossos interesses particulares. Para a maioria dos seres humanos a Vida não passa de uma diversidade de pontos de vista e estamos bem distante daquilo que se chama de realidade total e integral. Para compreendermos a Verdade total usamos a ferramenta do ponto de vista; para a Vida, usamos as experiências existenciais, sejam de curto prazo, através de fatos cotidianos, sejam através de prazos mais longos como as existências programadas. As mudanças de ponto de vista serão constantes, até que cesse a relatividade da nossa compreensão das coisas; as existências também se sucedem até que não haja mais necessidade de repetir experiências pelas quais já assimilamos sua essência. Todo mundo tem um problema existencial de referência principal para ser equacionado e cuja chave

de resolução só pode ser aplicada numa experiência real, chocante, impactante. Quando passamos por experiências desse tipo ficamos profundamente traumatizados, tal é a carga de realidade que ela provoca em nosso mundo íntimo. Daí dá para entender porque ainda não temos maturidade intelectual e emocional para suportar toda a carga de realismo que caracteriza a Vida e a Verdade. Se em pequenas situações realistas sofremos abalos dolorosos, imagine se fôssemos mergulhados integralmente na Realidade Total. Seria um desastre colossal, talvez uma segunda morte.

Uma outra idéia que ajuda a compreender melhor essa diferença entre “existir e viver” é a concepção que temos de felicidade. Dos momentos felizes que experimentamos nas existências tiramos nossos pontos de vista sobre a felicidade. Se pudéssemos mergulhar na felicidade integral também sofreríamos um impacto inimaginável, uma situação de êxtase que para nós seria traumático e ao mesmo tempo desolador. Se fôssemos lançados num mundo[13] feliz nos sentiríamos como peixes fora da água tentando respirar num ambiente que os nossos sentidos não conseguem assimilar.

A Verdade, a Vida e a Felicidade, são estados de espírito que exigem uma grande soma de experiências em todos os sentidos, sendo necessário que haja muitos pré-requisitos para que as coisas sejam integralmente compreendidas. É impossível atingirmos a Verdade se possuímos alguma deficiência de conhecimento racional e emocional; é impossível atingir a Felicidade se ainda carregamos deficiências nos sentimentos e emoções; impossível, portanto, compreender a Vida se não conseguimos assimilar a lógica e a funcionalidade das pequenas engrenagens e tramas das nossas existências. Como compreender a Vida se não compreendemos que a morte é uma transformação, se não assimilamos o que é a Imortalidade? Como compreender a Verdade se ainda não nos sentimos à vontade para encarar situações verdadeiras que nos deixam atordoados, sobretudo àquelas que se referem a nós mesmos? Como compreender a Felicidade se ainda temos dificuldade de aceitar a felicidade alheia e de partilhar a nossa com os outros?

Realmente, a Vida é única e imutável; existe desde sempre, como Deus. O que muda é o viver e o existir, atributo dado pelo Criador às suas criaturas para que um dia elas se reintegrem definitivamente na harmonia do Universo e da Criação. Parafraseando Edgard Armond, um sábio instrutor espiritual contemporâneo, *“Não vivemos para solucionar os problemas do Universo, porque estes já estão solucionados desde sempre por Deus. Nosso problema é a questão evolutiva, o desenvolvimento do eu individual.”*

Sendo uma só e sem interrupções, a Vida funciona sem as limitações do tempo, num plano absoluto da Criação, que é o Eterno, o que sempre foi e sempre será. É o mundo das causas, no plano Absoluto ou Divino da Criação. Já as existências, como as criaturas, são múltiplas e por isso suas experiências são constantemente delimitadas e reguladas pelo tempo, num plano relativo da Criação, que é o efêmero, o começo, o meio e o fim; nascimento, vida e morte. É o mundo dos efeitos, no plano relativo da manifestação. Seja nos mundos espirituais ou nos mundos materiais, cuja pluralidade cósmica é visível aos olhos nus, estamos sempre existindo, nascendo, morrendo e renascendo para

a Vida Eterna, num constante movimento de descobertas e realizações. Portanto, não é somente o corpo que morre e volta na condição de energia para o fluido universal do qual foi extraído. O Ser, de certa forma, também sofre a transformação da morte e renasce na sua própria natureza interior, para que aprenda a reconhecer em si a própria Imortalidade da qual é dotado. Por isso renascemos da carne e do Espírito, como disse Jesus no seu misterioso e inesquecível encontro como sacerdote fariseu Nicodemos.

A principal marca existencial da espécie humana sempre foi a busca da auto-realização, de soluções para as nossas constantes crises vivenciais. Somos essencialmente insatisfeitos porque ainda estamos em processo de formação espiritual. Ainda não temos consciência plena do significado da Vida e das nossas existências. A maioria dos seres humanos ainda caminha em torno de um abismo, o nosso Ego, que nos impede de saltar dos limites das nossas existências para o terreno ilimitado da Vida. O abismo é tremendamente assustador e sua escuridão representa para uns o infinito, para outros, simplesmente, o nada e o fim. Por isso permanecemos divididos entre o ser e o não ser, uma dúvida também gerada pelo Ego e que sempre nos convida a recuar para o conforto do cordão umbilical. Temos medo de perder a individualidade que adquirimos recentemente, semelhante a uma criança que se apega egoisticamente a um brinquedo. Quando vislumbramos por alguns instantes as possibilidades do Infinito e do Eterno[14], logo perguntamos se vamos continuar sendo aquilo que somos hoje. Assim como tudo que é material se dissolve no oceano universal de átomos, elétrons e neutrons, por acaso os seres também não serão dissolvidos no oceano da consciência divina? Diante da dúvida do ser e do não ser, de dar um passo para o incerto, de correr o risco, quase sempre nos voltamos para o aspecto mais instintivo do nosso “Eu” e ali permanecemos isolados, numa espécie de autismo espiritual. Passar da existência para a Vida é saltar por cima desse abismo com a total confiança de que vamos encontrar aquilo que procuramos; é correr o risco de saltar no escuro. Nesse momento ninguém pode fazer nada por nós, pois esta é uma experiência exclusiva que coloca em prova a nossa individualidade diante da Criação. É nesse salto no escuro, do tudo ou nada, que descobriremos se Deus existe ou não existe, se somos ou não somos. São as eternas escolhas e conseqüentes decisões que sempre temos de tomar por conta própria.

A nossa trajetória tem sido também a da transformação individual e adaptação no espaço e no tempo, impulsionados por uma Lei maior que nos direciona ao encontro do Criador de nossas vidas. Esse percurso existencial, de auto-reconhecimento, se inicia nos Reinos Naturais dos planos densos da matéria e continua nos planos das energias sutis, em condições que ainda desconhecemos, mas que deduzimos ser um efeito espiritual das experiências que realizamos hoje e no passado. Nessa longa jornada, a espécie humana se posiciona fisiologicamente como o meio, uma transição entre a condição animal e o Espírito, que é o fim. O gênero humano seria então uma condição mutante entre os planos material e o espiritual, evoluindo gradualmente em várias etapas de aprendizagem, desde os primeiros lampejos da razão até o domínio completo das suas mais sofisticadas potencialidades. Em cada uma dessas fases desenvolvemos um modelo humano ideal a ser atingido, mas

continuamos essencialmente incompletos e insatisfeitos, sempre à procura da plenitude da vida e da felicidade. Este percurso de incontáveis milênios representa o admirável processo de verticalização do corpo existencial (o físico e o espiritual), que é a consciência, uma transição das nossas experiências no mundo exterior dos reinos elementais da matéria densa, para o mundo interior do Reino de Deus, do Espírito. Nossa evolução espiritual vem acontecendo de maneira simultânea à espécie orgânica humana que nos abriga, até que ocorra a sua futura superação. Assim como superamos os nossos ancestrais símios, fomos também precedidos por inúmeras experiências orgânicas, permitidas pela combinação s etenária dos quatro elementos (terra, ar, água e fogo) com os três reinos (vegetal, mineral, e animal).

Semelhante ao processo de gestação humana, de apenas alguns meses, em nossa gestação anímica, de milhões de anos, dormimos no Reino Mineral, sonhamos no Reino Vegetal e finalmente acordamos no Reino Animal. O despertar desse longo sono acontece exatamente quando nos tornamos humanos, o último elo que nos liga ao reino materiais. Isso vem acontecendo através de sucessivas crises, causando a transformação, muitas vezes violenta, do nosso universo interior e que nos planos físicos se manifestam através de dores e choques das mais diversas formas de vicissitudes.

Ao adquirirmos os cinco sentidos básicos do mundo material (tato, olfato, paladar, visão e audição) sabemos que ainda nos falta algo mais, o sexto e sétimo sentidos, que é o elo de ligação com o mundo espiritual. Simultaneamente, ao desenvolvermos as cinco inteligências básicas (cinestésico-corporal, espacial, lógico-matemática, verbal e musical), para solucionar problemas do mundo exterior, também sabemos que nos falta um complemento que integra todas elas e que nos torna mais aptos a compreender e solucionar os problemas do mundo interior. Daí a nossa busca atual pelo aperfeiçoamento das duas inteligências pessoais: a Interpessoal, que substitui a competição e estimula a cooperação e a harmonia com os outros seres; e a Intrapessoal, que elimina as reações defensivas da luta da personalidade com a individualidade, promovendo a harmonia do “Eu real” com o “Eu ideal”. Neste mesmo processo, as três vivências básicas da nossa mente (pensamento, ação e sentimento), antes isoladas e em conflito entre si, agora se integram no seu funcionamento de experiências práticas com as experiências emocionais e intelectuais.

Para atingirmos esse grau de avanço e complexidade existencial tivemos que passar por inúmeras provas e reprovadas que só a pluralidade das existências pode explicar. Foram milênios de luta para superarmos inúmeros obstáculos e acumularmos uma grande soma de conhecimentos. Que outro sentido teria então a recomendação do “Sede perfeitos” ? Poderíamos atingir a perfeição existindo uma só vez?

O Teatro do Ir e Vir

Numa visão mais ampla da Vida, podemos definir a trajetória humana como a caminhada do Homem em busca de si mesmo, num processo de aprendizagem para reverter o olhar direcionado para o mundo exterior, das

aparências, e redirecioná-lo para o mundo interior, real, do “Conhece-te a ti mesmo”. Olhar para si mesmo pode parecer apenas uma fórmula filosófica, mas não é uma tarefa simples e mecânica. Para nós que ainda estamos mergulhados na infância espiritual, o mundo interno é um universo desconhecido e extremamente ameaçador. Trata-se de um território de aridez subjetiva onde enxergamos somente os incômodos problemas existenciais, que terão que ser solucionados, mais cedo ou mais tarde: os medos, as dúvidas, as incertezas, os traumas. Tudo aquilo do qual sempre estamos fugindo ou sabemos que certamente teremos de enfrentar um dia, fica escondido em nosso mundo interno a espera de atitudes e de decisões. Para suportar essa situação de impasse, quase sempre usamos máscaras e simulações que nos protegem das situações constrangedoras que geralmente revelam o que somos na realidade. Daí o motivo pelo qual quase sempre estamos com os interesses voltados para o mundo exterior, dos fenômenos e das sensações, que é o palco da nossa atuação parcial, portanto teatral da Vida. Se esse interesse pelo mundo exterior é o nosso vício, a nossa doença existencial, ele também é a nossa possibilidade de cura. É do veneno que se extrai o seu antídoto. É no mundo exterior que nos iludimos com as máscaras, mas também podemos interpretar com seriedade os mais variados papéis, treinando para a realidade total que ainda não temos coragem de enfrentar. Essa é a grande lição da Natureza, a qual não se pode enganar por muito tempo. Nas nossas farsantes encenações fugimos aqui, cortamos caminho ali, mas acolá ela nos cerca e cobra o que lhe é de direito. Cada existência é um auto-espetáculo no qual encarnamos um personagem que traz sempre na sua bagagem o conjunto de provas a que deve ser submetido; em cada ato, o personagem que escolhemos é testado no campo das competências, geralmente motivado por algum dano factual, sofrido numa circunstância aparentemente casual. O dono é a peça fundamental para que ingressemos da trama na qual estaremos inevitavelmente envolvidos; é a gota d’água.

É assim que, no enredo central das nossas existências, manifesta-se como característica marcante das nossas histórias pessoais a Lei da Polaridade. Ela é o principal agente regulador do equilíbrio da Vida e que, em nosso caso, dá o tom no qual teremos que nos harmonizar na prova existencial: a riqueza ou a pobreza, poder ou submissão, destaque ou o anonimato, saúde ou doença, alegria e tristeza, medo e coragem, amor e ódio, dinâmica ou tédio. Tudo isto compõe o interessante e progressivo jogo de circunstâncias entre a realização e frustração. Nesse jogo natural da transformação dolorosa dos pontos fracos em pontos fortes, no qual atualmente entramos pela livre escolha, existe um limite de memória, imposto pelo esquecimento provisório. A consciência da memória objetiva é suspensa para a realização do teste de atuação. Não foi por acaso que os gregos associaram essas realidades com a arte teatral e à sua riquíssima mitologia. Os teóricos da literatura também nunca deixaram de observar em seus estudos como os dramaturgos e comediantes combinam os elementos de suas tramas estabelecem o enredo de suas obras. Antes de entrarmos em cena escolhemos as provas a que seremos submetidos, porém somos avisados de que, ao adentrarmos no palco, não mais lembraremos objetivamente dessas escolhas feitas fora da situação de teste, sobretudo o dano factual que vamos sofrer, e que tais provas só terão validade no próprio campo de atuação. Essa é a regra básica do jogo. O palco ou campo de prova

possui toda uma fenomenologia cenográfica composta de imagens aparentes, entrelaçadas pelas tramas do enredo da peça na qual ingressamos e na qual outros atores também estarão atuando em seus respectivos personagens. Para compreender a Vida na sua dimensão integral, os seres devem interagir entre si nas existências, para que ocorra uma soma de impressões parciais ou fragmentos de verdades de cada um rumo à compreensão total e única da Verdade. Nos cenários compostos de aparências e tramas situacionais, predomina sempre a idéia de Ilusão, pela qual somos constantemente envolvidos e seduzidos. A sedução, a mesma que atrai a abelha para a magia das cores e o perfume da flor, é sempre útil e necessária como perpetuação das oportunidades e ferramenta de avaliação educativa. Ela se apresenta em várias situações de teste nas quais temos que remover os obstáculos do percurso, tramas dos atos, até chegarmos no epílogo do drama ou da comédia que pedimos para atuar. É no epílogo que realizamos as escolhas essenciais, que serão computadas em nosso destino. Se superarmos os obstáculos, cuja tentação ilusória sempre se apresenta como uma possibilidade de fuga, seja pelo prazer ou pela busca de alívio de um sofrimento insuportável, ganhamos em nossa consciência valiosos aplausos ou pontos na experiência da vida, créditos indispensáveis na lenta composição da nossa felicidade. Se fracassarmos, sentimos de imediato o choque da Desilusão, um retorno ou efeito natural dos impulsos precipitados nos excessos cometidos durante a interpretação do papel. Mas a peça continua, pois as cenas vão se desenrolando, e novos atores vão ingressando em novos atos existenciais. O que acaba é a nossa atuação num determinado ato, cujo tempo fora previamente estabelecido. Ficamos temporariamente de fora, nos bastidores, em planos de espera, analisando o que foi feito, de bom ou de ruim, e também planejando como poderemos reentrar em cena para corrigir as falhas de interpretação cometidas nos atos passados. E, assim que observamos alguma situação favorável, solicitamos ao Supremo Roteirista da Vida um novo personagem, dotado de um programa existencial mais adequado aos novos testes, e que será novamente colocado em cena.

A Descoberta do Reino

Mas qual seria o significado de tudo isso que acabamos de refletir sobre as existências, a Vida, a Verdade e a Felicidade? Qual o sentido dessas diferenças, quase imperceptíveis para nós, seres comuns? Diríamos que é simplesmente reverter o nosso olhar do mundo exterior para o mundo interior. E falando assim, grosso modo, tem-se a impressão de que trata-se de uma simples mudança no direcionamento dos nossos interesses e das atitudes, como se isso fosse uma coisa banal e corriqueira. No entanto, o percurso entre a realidade aparente do mundo exterior e a realidade essencial do mundo interior, não acontece no intervalo da noite para o dia. É necessário que uma infinidade de existências se sucedam no tempo biológico para que o ser humano possa realizar a mais importante de todas as descobertas. Esta foi a mais longa das experiências que realizamos, sempre com o impulso da sabedoria e experiência dos grandes Mestres do mundo oculto.

Em todas as etapas da evolução humana, nas épocas cruciais de grandes transformações, surgiram no cenário carnal essas figuras incomuns, atores

especiais, interpretando papéis extremamente contraditórios aos olhos da perspectiva mediana. Eles são seres dotados de um conhecimento extraordinário e sempre agem numa direção contrária a da maioria dos atores, que são atraídos para suas magníficas atuações sobre os problemas do Ser e do Destino. Ao entrarem em cena, logo se destacam como modelos irresistíveis de imitação, já que seus exemplos são sempre representações vivas do tempo futuro, do ser ideal, de como deveríamos ser. Exercem sobre nós um fascínio e um encanto que ultrapassam os limites da perplexidade, no qual somos bruscamente deslocados da cômoda posição de expectadores, sentados espiritualmente, para um incômodo posicionamento, em pé, porém estáticos ou oscilantes, à espera da difícil atitude de dar o primeiro passo na direção que nos apontam. Paralisados pelo medo e pela dúvida, nem sempre confiamos nos convites que eles nos fazem para que os sigamos pelos caminhos misteriosos de um novo “estado de coisas” de que tanto falam. Quando ouvem falar pela primeira vez dessa nova realidade a maioria dos seres humanos logo pensam na morte, a principal preocupação daqueles que ainda são governados pelas sensações do corpo físico. Para quem ainda não distingue o “Eu” dos limites orgânicos, a morte é única possibilidade de ingressarmos ou sermos recusados no tempo futuro. Não é por outro motivo que os grandes Mestres do Espírito, ao ensinarem os primeiros segredos do mundo oculto da individualidade, sempre revelam antes a idéia primordial de Imortalidade. Primeiro remove m das nossas mentes o receio da morte do corpo, mostrando que ela é apenas o fim da existência e não da Vida; somente depois de compreendermos essa primeira verdade é que tocam no assunto da “morte” do espírito, que é, na realidade, o autêntico significado da ressurreição da alma. Ao ouvir de Jesus que renascemos da carne e do Espírito, Nicodemos estava sendo duplamente iniciado no conhecimento da Imortalidade da alma, pelo renascimento exterior, em novo corpo, e na imortalidade do Espírito, renascimento interior, pela ressurreição. Ao mergulharmos na carne ingressamos em um novo ato existencial no qual vamos atuar e experimentar as lições vivenciais, pelas provas e expiações. É nessa nova experiência existencial, que pode e deve ser repetida, quantas vezes for necessária, que despertamos ou ressurgimos para a Vida. O percurso entre uma existência e outra é sempre delimitado pela morte e o conseqüente renascimento; já o percurso entre a perspectiva do mundo exterior para o mundo interior será sempre uma crise existencial, que é a morte do Espírito, e a sua conseqüente ressurreição. Essa é a Verdade situada sabiamente por Jesus e por muitos outros mestres entre o Caminho e a Vida. As existências e renascimentos são os meios naturais para se atingir a finalidade essencial da Vida, que é o estado eterno da ressurreição. Tudo indica que na caminhada evolutiva os renascimentos cessem à medida que diminui para nós a necessidade de atuações existenciais de aprendizagem. Passamos, então, a perceber melhor a diferença entre a existência e a Vida, o existir e o viver, entre o efêmero e o Eterno. É bem possível que a Ressurreição nunca cesse, num infinito processo de descobertas das maravilhas do Reino, que é Deus, “vindo a nós”, se revelando progressivamente em nosso mundo íntimo.

Referências:

[13] “Ao escalar as alturas sucessivas até atingir o segundo céu, habitado por Espíritos chamados Muralhas, foi tal o meu aturdimento que após o regresso, após dez dias,

permaneceu o meu corpo físico imobilizado, muda a minha língua, cerrados os meus olhos. Passado esses dez dias pude descrever a magnificência estonteante daquela visão. Vi sete avenidas circulares concêntricas, ostentando enormes árvores luminosas, cobertas de flores das mais diversas cores, que balançavam, em vai-e-vem amplo e ondulante, produzindo imensa e suavíssima ressonância harmoniosa e, por essas avenidas, transitavam os formosíssimos seres que formam essa classe de Espíritos. Disseram-me que nesse segundo céu, guarda-se o Livro das Idades, contendo a história das civilizações mortas e das vidas sucessivas dos homens pertencentes aos diferentes sistemas planetários.” Descrição feita por desdobramento perispiritual ou projeção da consciência. Citado por Edgard Armond. Na Sementeira, vol. I. Ed. Aliança.

[14] “A imagem de Deus é inconcebível para a inteligência dos seres humanos nos graus inferiores e médios da evolução. Eis uma imagem que se pode intelectualmente e até certo ponto compreender:

‘Um incomensurável anel de luz fulgurante, pendente do qual uma infinidade de laços de luz que, em grupos de sete, se abrem em todas as direções, levando vida, energia e amor a todos os universos criados. Refundidas em uma só claridade deslumbrante e infinita, milhares de Inteligências Divinizadas, formando uma só vibração de vida e de amor por toda a eternidade. Dali se alimentam todos os mundos, todos os seres e todas as coisas. Não há mais individualidades que pensam e amam de forma separada; tudo é um só pensamento, uma só vibração de luz, de vida e de amor para toda a eternidade.’

Isso é Deus: E além ? Algo haverá ? O Missionário , em desdobramento, levado a presenciar esta inaudita visão, permaneceu desacordado muito tempo e levou dez dias para retornar ao equilíbrio do seu corpo”. Edgard Armond. Na Sementeira vol. II.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor